

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO: A CRÍTICA**  
**POLÍTICA SEGUNDO ELIO PETRI**  
**3 e 11 de abril de 2023**

**IL MAESTRO DI VIGEVANO / 1963**

*Um filme de Elio Petri*

*Realização:* Elio Petri / *Argumento:* Elio Petri, Age Incrocci, Furio Scarpelli, baseados num livro de Lucio Mastronardi / *Produção:* Dino De Laurentiis / *Produção Executiva:* Alfredo de Laurentiis / *Música:* Nino Rota / *Direção de Fotografia:* Otello Martelli / *Montagem:* Ruggero Mastroianni / *Design de Produção:* Gastone Carsetti / *Interpretações:* Alberto Sordi (Antonio Mombelli, o professor), Claire Bloom (Ada, sua mulher), Vito De Taranto (Pereghi, o diretor), Ya Doucheskaya (Eva), Guido Spadea (Nannini), Eva Magni (Mulher de Nannini), Piero Mazzarella (Bugatti), Lilla Ferrante (Cuore, irmã de Mombelli), Ezio Sancrotti (Carlo, irmão de Ada), Anna Carena (Drivandi), Gustavo D'Arpe (Amiconi), Ignazio Gibilisco (Maraldi), Bruno De Cerce (Cipollone), Adriano Tocchio (Racalmuto), Tullio Scavazzi (Rino Mombelli), Egidio Casolari (Filippi), Aniello Coastabile (Zarzalli), Lorenzo Logli (vendedor de sapatos), Enzo Savone (filho de Bugatti), Olivo Mondin (empregado), Gaetano Fusari (médico), Joris Muzio, Franco Moraldi, Umberto Rocco, Nando Angelini, Carlo Montini, Franco Tuminelli/ *Cópia:* Digital, a preto e branco, falado em italiano com legendas em francês e eletrônicas em português / *Duração:* 109 minutos / *Estreia Mundial:* 20 de dezembro de 1963, Roma / *Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

Apesar de Elio Petri ainda se inscrever no universo do cinema italiano, nomeadamente fruto da sua “formação” enquanto argumentista, colaborando com cineastas de renome como Giuseppe De Santis, conseguimos com facilidade descortinar, logo nesta sua terceira longa-metragem, **Il maestro di Vigevano**, o tom sarcástico e, a espaços, terrivelmente venenoso que iria caracterizar, de maneira muito distinta, o estilo grotesco, bem como o discurso truculento e algo confuso engatilhado pelas suas obras mais populares. Para Jean-Baptiste Thoret, com o anterior **I giorni contati** (1962) e o futuro, e celeberrimo, **La classe operaia va in Paradiso** (1971), **Il maestro...** forma uma trilogia dedicada ao tema do trabalho. Todos os três filmes mostram personagens cindidas (um pouco apatetadas), convertidas em arenas onde entram em disputa algumas das principais forças da sociedade italiana. Ao contrário de outros mestres do seu tempo, como Vittorio De Sica, Dino Risi ou Mario Monicelli, Petri aposta, de maneira franca e direta, num registo implacável e pouco empático: não estaremos sempre, a 100%, *do lado* dos seus protagonistas, na realidade, muitas vezes não compreendemos *de todo* a profunda razão de ser dos seus comportamentos e atitudes.

O caso deste professor primário a lecionar na província italiana de Vigevano, interpretado por Alberto Sordi, é sintomático de uma certa errância moral algo difícil de explicar: o seu conservadorismo, ou melhor, o seu altíssimo *conformismo* com as circunstâncias não parece dar margem alguma a qualquer forma de transformação,

sendo que, no caso desta personagem (como de tantas outras de Petri), uma pequena mudança significará ou dependerá sempre de uma espécie de revolução (geral ou muito particular). Mas, por outro lado, se há cinema que já não acredita em revoluções... esse também é – ou acabaria por se tornar, sobretudo no rescaldo de 68 – o de Petri. Em suma, a dificuldade em compreendermos o dilema que se coloca a este protagonista será tão maior quanto mais ele é encostado à parede pela sua própria mulher, interpretada por Claire Bloom, o produto acabado da nova Itália consumida pela cegueira materialista decorrente do “boom” económico. É por fraqueza – o amor à mulher – que o professor, pobre de espírito, sucumbe à voracidade empreendedora e investe as suas economias – e também os tais mais altíssimos valores morais – numa carreira como sapateiro? Mas não é propriamente “da sua natureza” não fazer *isso* mesmo? Ou, pelo menos, *assim*, quer dizer, mudando *drasticamente* de vida, *revolucionando-se* numa outra pessoa (revolução sem uma verdadeira crença)? Estas interrogações, em parte, explicam o que levará alguns críticos a apelidarem de “esquizofrénicas” as personagens – se não o próprio cinema como um todo – de Petri.

Mas podemos ver tudo isto por um outro prisma, pois porventura a aparente complexidade do percurso deste protagonista tem tanto de incongruente ou só meramente caricatural como de sintomático de um país, sendo este tão-só “a” grande personagem do cinema italiano do pós-guerra, mostrando-se também ele à deriva, indeciso quanto àquilo que quer para si e para o seu futuro. Realizadores como Monicelli, Risi ou como o agora recém redescoberto Antonio Pietrangeli, ainda que eminentemente mais “empáticos” com as suas personagens, mostraram-se implacáveis com esta ausência de rumo. E sorriram diante do – tanto quanto espetaram uma faca no – “orgulho da nação”. O mais veterano, De Sica, no mesmo ano deste **Il maestro...**, lançou **Il boom**, protagonizado por um Alberto Sordi (de novo ele) em choque com a sua situação social e económica, ponderando vender a córnea de um olho para manter à tona o luxuoso estilo de vida, seu e de sua mulher.

O mesmo Sordi reaparece nesta comédia muito agridoce, atravessada por uma amargura e um desalento talvez só próprios de revolucionários sem causa, órfãos de uma utopia, que sucumbiram à fraqueza de encontrarem algum lugar na sociedade aceitando as velhas “regras do jogo”. A conclusão é já um típico desfecho *à la* Petri, deixando-nos aliviados por causa do regresso da normalidade “reacionária” do professor primário educado pelos aspetos mais servis do seu caldo de cultura, mas, ao mesmo tempo, e até por causa disso, deixando-nos também muito pouco convencidos quanto ao significado profundo dessa resolução pessoal. Trata-se da proverbial passagem da comédia à farsa, do riso ao “engolir em seco” culposo e esventrado. Uma comédia (cómica quanto baste) com um sabor muito agreste a tragédia.

Luís Mendonça